

**ISA**  
Instituto Socioambiental

Produto 1

JOF 0177-31005/2017

**Subsidiar o processo de elaboração de diretrizes para gestão territorial e ambiental de territórios quilombolas e sua interface com as Mudanças Climáticas por meio da realização de oficinas formativas e informativas**



Produto 1

JOF 0177-31005/2017

**Subsidiar o processo de elaboração de diretrizes para gestão territorial e ambiental de territórios quilombolas e sua interface com as Mudanças Climáticas por meio da realização de oficinas formativas e informativas**

Nome empresa/organização Proponente:	Instituto Socioambiental - ISA
País de Registro:	Brasil
Nome da pessoa de contato para esta Proposta:	Milene Maia Oberlaender
Endereço:	SCLN 210 – Bloco C – Sala 112
Telefone/Fax:	(61) 3035-5114
Email:	<a href="mailto:milene@socioambiental.org">milene@socioambiental.org</a> <a href="mailto:raquel@socioambiental.org">raquel@socioambiental.org</a>

**Produto 1**

Documento contendo a estratégia de execução pactuada junto às organizações representativas quilombolas referente aos arranjos operacionais, contendo fundamentos e cronograma de execução, projeto pedagógico e conteúdo programático da Oficina Nacional com caráter formativo e informativo para lideranças quilombolas; Oficinas Territoriais com caráter formativo e informativo para representantes quilombolas e Encontro Nacional com caráter formativo sobre GTA e sua interface com as Mudanças Climáticas, incluindo plano logístico detalhado da oficina para lideranças quilombolas nacionais



## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>OBJETIVOS, RESULTADOS E PRODUTOS DO PROCESSO.....</b>	<b>7</b>
Objetivos .....	7
Resultados.....	7
Produtos.....	8
<b>EQUIPE RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DO PROJETO .....</b>	<b>9</b>
<b>GOVERNANÇA DO PROCESSO .....</b>	<b>9</b>
<b>ESTRATÉGIA DE EXECUÇÃO DO PROJETO .....</b>	<b>10</b>
Pressupostos do processo.....	10
Visão geral do processo.....	12
TABELA 1 – Desenho Geral Do Processo .....	14
Pactuação do processo .....	14
Preparação da oficina nacional (Of. Nac.).....	14
1ª Oficina nacional .....	15
Preparação das oficinas territoriais.....	15
8 Oficinas territoriais.....	16
Preparação do encontro nacional.....	16
Encontro nacional.....	17
Conclusão do documento final .....	17
<b>PROJETO PEDAGÓGICO .....</b>	<b>18</b>
Fundamentos metodológicos.....	18
Conteúdo pedagógico .....	21
<b>PLANO LOGÍSTICO DA 1ª OFICINA NACIONAL .....</b>	<b>24</b>
Mobilização para o Encontro Nacional .....	24
<b>CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO .....</b>	<b>24</b>



## APRESENTAÇÃO

Desde a promulgação da Constituição Federal de 1988 fica garantida a proteção da propriedade física do território quilombolas, pelo artigo nº 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Em conformidade com os artigos 215 e 216 da Constituição da República Federativa do Brasil, ela inclui a gestão e a proteção do patrimônio cultural entendido como “os bens de natureza material e imaterial, a partir dos quais são construídas as referências à identidade, à ação, à memória” do povo quilombola.

Porém, o panorama de atuação das políticas do Estado para os territórios quilombolas é de um cenário de fragmentação de ações, divididas entre regularização fundiária (que envolve órgãos federais e estaduais em muitos casos), programas e projetos com atuações muitas vezes pontuais e pouco estratégicos para o desenvolvimento da gestão territorial e ambiental dos territórios quilombolas. Embora tenham sido pensadas estratégias no Programa Brasil Quilombola<sup>1</sup>, e avanços importantes tenham sido realizados.

O debate sobre a gestão territorial e ambiental com e para os movimentos quilombolas, também acontece de forma pontual, sem uma estratégia estruturada, organizada e participativa e, como garantia para o processo de conservação da sociobiodiversidade, é essencial o reconhecimento do protagonismo social, onde a apropriação pelos quilombolas depende, portanto, do grau do seu protagonismo no processo.

Frente à demanda do movimento quilombola, principalmente da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais (CONAQ) para o debate sobre gestão territorial e ambiental nos territórios quilombolas, de forma participativa, a partir de 2015, o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) promoveram uma rodada de diálogos com lideranças quilombolas e técnicos de diversos Ministérios e parceiros sobre a elaboração de diretrizes para a gestão territorial e ambiental dos territórios quilombolas. Ocorreram 02 oficinas nacionais e 06 oficinas locais<sup>2</sup>. O ciclo de oficinas aconteceu entre dezembro de 2015 a maio de 2016.

O objetivo desse processo foi levantar ações e experiências sobre gestão territorial que já estavam acontecendo em diversos territórios e aprofundar a reflexão sobre o tema, oportunizando a geração de informações e aprendizados coletivos. No final dessa etapa, foi gerada uma *“Minuta Preliminar – Documento Base para a Elaboração de Diretrizes para a Gestão Territorial e Ambiental em Territórios Quilombolas”*.

Após estes diálogos, foi instituído por meio da Portaria nº 298, de 21 de julho de 2016, o Grupo de Trabalho de Gestão Ambiental Territorial (GT GAT), com a finalidade de propor diretrizes para a elaboração do Plano Nacional Territorial e Ambiental Quilombola e propor ações para a sua efetiva implementação<sup>3</sup>. Com estes subsídios, o passo seguinte é um ciclo de oficinas formativas e informativas para construção das diretrizes nacionais que nortearão a construção de um instrumento específico para gestão territorial e ambiental dos quilombos no Brasil.

<sup>1</sup> O Programa tem por objetivo consolidar os marcos da política de Estado para os territórios quilombolas. Sua institucionalização foi ampliada com a publicação do Decreto nº 6.261/2007, onde as ações são articuladas e executadas por onze Ministérios, que compõem o Comitê Gestor do Programa, com a coordenação da Seppir.

<sup>2</sup> As oficinas locais foram realizadas nos seguintes Territórios Quilombolas: Alcântara/MA, Brejo dos Crioulos/MG, Lagoa dos Campinhos/SE, Erepecuru/PA, Kalunga/GO e Campinho da Independência/RJ.

<sup>3</sup> Este GT é coordenado pela Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável, composto por representações de diversos ministérios e autarquias e pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras e Rurais (Conaq).



Esta continuidade está se dando por meio do *Projeto Políticas Públicas de Sustentabilidade Socioeconômica e Ambiental para o Agroextrativismo, Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais – Diretrizes para um instrumento de gestão territorial e socioambiental dos Povos e Comunidades Tradicionais e Agricultores Familiares*, através do qual o MMA contratou o ISA com vistas a subsidiar o processo de elaboração de diretrizes para a gestão territorial e ambiental - GTA dos territórios quilombolas e sua interface com as Mudanças Climáticas - MC.

Será realizado, portanto, 10 Oficinas Formativas e Informativas, em diversas regiões do país, com objetivo de formar e informar a respeito da temática gestão territorial e ambiental e mudanças climáticas, ampliar a participação e a contribuição dos representantes com experiências vivenciadas de GTA em seus territórios, trazendo para o processo novos temas e olhares, inclusive como as comunidades estão lidando com a mudança do clima.

Com a experiência da primeira rodada de oficinas, o GT GTA<sup>4</sup> produziu material informativo, que será utilizado como suporte às oficinas, a ser distribuído para os participantes, que levarão para suas comunidades, como ferramenta de informação e sensibilização, ampliando o envolvimento de outros comunitários.

Dentre os diversos temas tratados neste material, são apresentadas seis dimensões iniciais para a gestão territorial e ambiental, as quais deverão orientar o conteúdo a ser tratado durante as oficinas, dando continuidade ao processo de construção das Diretrizes de Gestão Territorial e Ambiental. As seis dimensões são:

- Titulação dos Territórios
- Conservação Ambiental e o Uso Sustentável dos Recursos Naturais
- Valores Ancestrais, Cultural e Práticas Tradicionais
- Educação
- Desenvolvimento Local
- Fortalecimento Institucional e Comunitário

Algumas experiências já vivenciadas no país, devem servir de inspiração para este processo, destaca-se como exemplo, o processo de construção da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas – PNGATI, que foi construída com a participação dos povos indígenas e vem reconhecer e apoiar as ações de gestão territorial e ambiental que são realizadas pelos indígenas.

É fundamental o estabelecimento de marcos regulatórios que fomentem a implementação de políticas públicas no território, criando espaço e oportunidade para que as comunidades quilombolas e o Estado dialoguem em torno de um objetivo comum e aliem suas forças para o enfrentamento das dificuldades e desafios que os quilombolas enfrentam.

O resultado deste processo deverá gerar definição de perspectivas e próximos passos para a gestão territorial e ambiental dos territórios quilombolas, com vistas às políticas públicas, proporcionando autonomia e sustentabilidade aos territórios quilombolas, traduzindo a complexidade socioambiental dos quilombos do Brasil, das demandas de cada realidade regional e mecanismos efetivos que articule os diferentes órgãos públicos, movimentos quilombolas e a sociedade civil.

---

<sup>4</sup> O Grupo de Trabalho de Gestão Ambiental e Territorial é chamado atualmente de GT GTA.



Espera-se por fim, que o resultado gerado ao fim das oficinas, seja devolvido às comunidades, por meio de Consultas Livres, Prévias e Informadas e, a partir de então, a proposição final de um instrumento de gestão territorial e ambiental.

Neste documento, o ISA apresenta a estratégia de execução do processo, a ser pactuada junto ao GT GTA. O documento está estruturado nos seguintes itens:

- Objetivos e resultados do processo
- Equipe responsável pela execução do projeto
- Governança do processo
- Estratégia de execução do projeto, com Pressupostos, Equipe de execução, Governança e Desenho geral
- Projeto pedagógico, com fundamentos metodológicos e formas pedagógicas
- Cronograma de execução
- Plano logístico detalhado da 1ª Oficina Nacional para representantes quilombolas



## OBJETIVOS, RESULTADOS E PRODUTOS DO PROCESSO

### Objetivos

O projeto tem como objetivo subsidiar a construção de diretrizes para a gestão territorial e ambiental dos Territórios Quilombolas e sua interface com as Mudanças Climáticas, tendo como base de construção, a Minuta Preliminar apresentada no Termo de Referência. E contribuir para que os quilombolas se empoderem e qualifiquem sua participação na continuidade do processo de construção, implementação e monitoramento de instrumentos para a Gestão Territorial e Ambiental Quilombola.

A construção será realizada a partir de espaços de diálogo e reflexão coletiva que possibilitem que quilombolas e outros atores relevantes de diversas regiões estejam mobilizados, formados, informados e participando ativamente da caracterização e troca de visões, experiências e saberes em relação à gestão dos territórios quilombolas.

Um recorte importante que será aportado para as oficinas, é sobre a mudança do clima e como este fenômeno, vem impactando os territórios e os modos de vida dos quilombolas. A percepção dos impactos decorrentes do aquecimento global tem sido relatada com frequência pelas comunidades, vivenciada nos territórios e, portanto, um elemento importante a ser tratado nas oficinas, trazendo reflexões por meio da vivência e do conhecimento dos participantes e como eles estão enfrentamento e mesmo, se adaptando à realidade atual, especialmente no que afeta seu modelo produtivo agrícola, extrativista, pesqueiro ou de manejo e sua soberania alimentar, bem como a contribuição que seus territórios trazem para a diminuição das emissões.

### Resultados

1. Aprimoramento do conteúdo da minuta preliminar, possibilitando a construção de diretrizes de gestão territorial e ambiental que garanta o respeito e valorização da cultura quilombola, elemento da diversidade socioambiental e cultural brasileira, cuja expressão máxima se configura nas formas de uso e ocupação de seus territórios;
2. Difusão e troca de experiências entre os participantes e demais moradores dos territórios sobre gestão territorial e ambiental dos territórios quilombolas;
3. A construção de requisitos para a realização de consulta livre, prévia e informada para estabelecer base para os próximos diálogos;
4. Ampliação do protagonismo dos quilombolas na proposição da política pública.



## Produtos

- PRODUTO 1 - Documento contendo a estratégia de execução pactuada junto às organizações representativas quilombolas referente aos arranjos operacionais, contendo fundamentos e cronograma de execução, projeto pedagógico e conteúdo programático da Oficina Nacional com caráter formativo e informativo para lideranças quilombolas; Oficinas Territoriais com caráter formativo e informativo para representantes quilombolas e Encontro Nacional com caráter formativo sobre GTA e sua interface com as Mudanças Climáticas, incluindo plano logístico detalhado da oficina para lideranças quilombolas nacionais
- PRODUTO 2 - Relatório técnico com os resultados oficina para lideranças quilombolas nacionais com caráter formativo sobre GTA e sua interface com as Mudanças Climáticas, contendo a sistematização dos processos realizados, resoluções e encaminhamentos, incluindo o plano logístico detalhado das 4 primeiras oficinas territoriais com caráter formativo e informativo com caráter formativo sobre GTA e sua interface com as Mudanças Climáticas.
- PRODUTO 3 - Relatório técnico com os resultados da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª oficinas territoriais com caráter formativo e informativo contendo a sistematização dos processos realizados, resoluções e encaminhamentos, incluindo o plano logístico detalhado das 4 oficinas territoriais com caráter formativo e informativo subsequentes.
- PRODUTO 4 - Relatório técnico e com os resultados da 5ª, 6ª, 7ª e 8ª oficinas territoriais com caráter formativo e informativo contendo a sistematização dos processos realizados, resoluções e encaminhamentos, incluindo o plano logístico detalhado do Encontro nacional com caráter formativo sobre GTA e sua interface com as Mudanças Climáticas. Documento final o resultado de todo o processo de todo o processo.
- PRODUTO 5 - Relatório técnico com os resultados Encontro nacional com caráter formativo sobre GTA e sua interface com as Mudanças Climáticas.



## EQUIPE RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DO PROJETO

A equipe técnica do ISA responsável pela execução das atividades previstas no edital é multidisciplinar, composta por uma bióloga, responsável pela coordenação geral, uma antropóloga, uma bacharel em direito, uma profissional de relações públicas e dois administradores.

Soma-se a esta equipe um conjunto de profissionais especializados em processos de desenvolvimento e de formação de jovens e adultos e em metodologias participativas, subcontratados pelo ISA para desenhar o processo e cada atividade e moderar as oficinas e o Encontro Nacional.

E ainda, compõe a equipe técnica dois quilombolas representantes da CONAQ e contratados diretamente pelo PNUD através da Associação Negra Anastácia, que serão responsáveis pelas atividades de mobilização e organização da logística das Oficinas Territoriais.

## GOVERNANÇA DO PROCESSO

Estabelecer a governança do processo é importante para favorecer o protagonismo dos quilombolas e dar legitimidade ao conteúdo gerado, assim como garantir o monitoramento e avaliação das ações e o ajuste da estratégia de execução do projeto, das atividades, pessoas a serem envolvidas e produtos.

Por governança no contexto do projeto, entende-se a articulação que com vistas à coordenação de ações, papéis, interesses e recursos, num processo que encoraje um conjunto de atores a trabalhar em prol dos mesmos objetivos. E para tal, a governança deve abranger duas dimensões - a interação e o conteúdo – conforme na Figura 1.

Estabelecer a governança do projeto se torna ainda mais importante frente ao caráter vivo e gradativo do processo, onde os resultados das ações e conteúdos gerados vão subsidiando o detalhamento dos passos seguintes (conforme exposto no item Fundamentos metodológicos). Portanto, o acompanhamento do processo, com a construção, pactuação e revisão de acordos no seu decorrer<sup>5</sup>, criam condições para o protagonismo e a legitimidade almejados.

Para além das atividades operacionais de cada encontro, que é atribuição das equipes técnicas contratadas (ISA e Negra Anastácia), é importante estabelecer qual será a instância de governança do projeto. Sugere-se que o GT GTA exerça este papel, e que para esta finalidade sejam realizadas, ao menos, duas reuniões deste grupo.

<sup>5</sup> Ao longo do processo acordos sobre os seguintes elementos precisam ser pactuados e repactuados; atores responsáveis pelo processo e atores envolvidos em cada etapa/atividade; etapas e atividades do processo, e perspectivas após sua conclusão; conteúdo a ser trabalhado em cada etapa e forma adotada; papeis e responsabilidades de cada ator, incluindo do GT GTA; cronograma de execução; dentre outros.



**FIGURA 1 – Dimensões e componentes da Governança do projeto**



## ESTRATÉGIA DE EXECUÇÃO DO PROJETO

### Pressupostos do processo

O desenho da estratégia de execução do projeto está embasado em seu objetivo, nas atividades a serem realizadas, nos atores que serão envolvidos em cada atividade e nos produtos intermediários e produto final a serem gerados, considerando os seguintes pressupostos:

- Os quilombolas, junto com o GT GTA, devem protagonizar o processo.
- O processo é alimentado por conteúdos já existentes relacionados a GTA, MC e processos de consulta no contexto dos quilombolas, povos indígenas e outros povos tradicionais, assim como pelo conteúdo a ser gerado em seu desenrolar, a partir das visões, experiências e saberes das pessoas envolvidas.
- O conteúdo gerado no processo, assim como a forma de organiza-lo em diretrizes e outros elementos que possam subsidiar a continuidade do processo de diálogo e construção em torno dos temas GTA e MC, deve ter legitimidade perante todos os quilombolas envolvidos.
- O processo deve promover a integração de percepções, experiências e saberes de GTA e MC construídas concretamente a nível local/regional com as visões e conteúdos gerados nos contextos estaduais e federais do debate e construção de políticas públicas.
- É preciso criar condições para que os quilombolas diretamente envolvidos no processo possam difundir os resultados para suas comunidades, de forma a ampliar sua capilaridade.

A legitimidade das diretrizes e outros elementos sobre a GTA a serem gerados nas oficinas e sua apropriação pelos quilombolas depende tanto do grau de seu protagonismo no processo, como do equilíbrio entre o conteúdo trabalhado, o procedimento adotado e a interação entre as pessoas.

Em termos de conteúdo sobre GTA e MC, o ponto de partida será a *Minuta de Diretrizes para a Gestão Territorial e Ambiental em Territórios Quilombolas* produzida em 2015/2016, o acúmulo de entendimentos e conteúdos gerados até então no âmbito do GT GTA e outros subsídios já produzidos no contexto dos quilombolas, povos indígenas e outros povos tradicionais. E para que novos elementos sejam gradativamente gerados e sistematizados, o processo combinará a informação e formação dos atores envolvidos com a construção participativa de conteúdo, através de caminhos e procedimentos metodológicos pré-definidos, porém flexíveis, de forma a estimular a interação e diálogo entre representantes quilombolas e outros atores que atuam nos contextos locais/regionais e na esfera federal<sup>6</sup>.

O protagonismo dos quilombolas e sua contribuição com autonomia e responsabilidade são estimulados na medida em que os objetivos e resultados esperados do projeto estiverem alinhados a suas expectativas. Para tal, é necessário criar momentos para o GT GTA possa dialogar sobre o processo, visualizar os resultados e apontar os ajustes necessários (vide o item *Governança do projeto*). Neste sentido, além da Reunião de Pactuação a ser realizada no início do projeto no âmbito do GT GTA, serão previstos outros momentos específicos para a avaliação do processo e reformulação de acordos entre os membros do GT GTA.

A governança do projeto através do GT GTA é ainda mais importante frente ao curto prazo de execução do trabalho, para minimizar possíveis riscos do não envolvimento dos quilombolas a contento frente a pressão do tempo. O estabelecimento prévio da governança do processo através do GT GTA pode favorecer que representantes quilombolas acompanhem de perto o processo e o conteúdo gerado, tragam suas contribuições e apontem os ajustes necessários.

Outro aspecto relevante ao protagonismo dos quilombolas e à execução das oficinas e encontros é sua mobilização para o processo, pois é definidora de quem serão os participantes e influência em suas expectativas e motivações prévias, assim como posturas e contribuições durante os eventos. O fato da mobilização estar a cargo de dois quilombolas favorece o protagonismo, mas faz-se necessário um estreito alinhamento da estratégia de mobilização com o planejamento e execução das oficinas e encontros, o que demanda a elaboração de um Plano de mobilização em conjunto com ISA e MMA<sup>7</sup>.

Em termos de resultados de formação dos atores envolvidos, existem algumas contingências para se desenvolver um processo de aprendizagem mais estruturado, a saber: tempo de execução do projeto; recursos financeiros; impossibilidade de envolver a maior

---

<sup>6</sup> Dentre os atores a serem envolvidos, tem-se os membros da executiva nacional e os coordenadores estaduais da CONAQ; lideranças quilombolas locais e regionais organizadas através de suas organizações representativas (associações, federações, etc.); órgãos dos governos municipais, estaduais e federal e pessoas e organizações da sociedade civil que tem vínculo com o tema, entre outros atores. No entanto, devido a contingência de recursos, a ampliação dos participantes para além do que está previsto no Termo de Referência JOF-0177-31005/2017 prescinde da consulta e o acordo com o executor (ISA) para avaliação e ajuste do planejamento operacional e financeiro.

<sup>7</sup> O plano de mobilização dos participantes quilombolas deve conter objetivos; estratégia de ação; atividades, prazos e responsáveis; atores envolvidos; formas de comunicação; materiais de apoio; perfil dos participantes para cada atividade e critérios para sua seleção (a exemplo de equidade de gênero e geração; abrangência geográfica; representatividade das diferentes formas de organização social; conhecimento e experiência nos temas trabalhados no processo; etc.).



parte dos atores locais e regionais em mais de um momento para que possam aprofundar a reflexão e aprendizagem<sup>8</sup>.

Mas pode-se prever que o processo, por estar estruturado de forma a estimular a postura autônoma, responsável, criativa e cooperativa de cada pessoa envolvida, trará uma contribuição para que estas percebam, tomem consciência e exercitem habilidades em três níveis:

- Nível do pensar - Habilidades conceituais (conhecer o conteúdo) serão exercitadas nos momentos de reflexões e diálogos a respeito de conceitos e da experiência concreta.
- Nível do agir – Habilidades técnicas (saber fazer) serão exercitadas a partir de vivências práticas com uso de metodologias participativas.
- Nível do sentir - Habilidades sociais (saber se relacionar e atuar no grupo) serão exercitadas ao estimular que cada pessoa envolvida esteja atento as suas atitudes para contribuir de forma criativa e frutífera ao diálogo e à construção conjunta.

Os quilombolas que se encontram nos territórios (na esfera local) terão o papel de aportar durante as Oficinas Territoriais e no Encontro Nacional elementos da realidade concreta, a partir de suas percepções e experiências em torno dos temas de MC, GTA e processos de consulta. E também serão estimulados, através de orientações e materiais de apoio, a promoverem o diálogo e a reflexão em suas comunidades, para assim ampliar a capilaridade do projeto em termos de informação e mobilização destes atores.

Estes elementos serão incorporados aos conteúdos iniciais e às contribuições dos quilombolas e outros atores que atuam a nível estadual, regional ou federal, possibilitando assim um rico diálogo de saberes que revele a complexa realidade dos diferentes territórios quilombolas no Brasil.

## **Visão geral do processo**

A visão geral do processo, com as atividades previstas no edital, está desenhada a partir de três fases - Formação de imagem, Formação de juízo e Conclusão - cujo foco é apresentado abaixo.

- Formação de imagem - construção de uma imagem ampliada sobre os temas em questão (GTA, MC, construção de políticas públicas, processos de consulta), a partir da apresentação de conteúdos já existentes e aporte de novos elementos levantados na troca de percepções, visões e experiências concretas.
- Formação de juízo - análise do conteúdo gerado na formação de imagem, a fim de apontar pontos a serem aprofundados e reformulados, levantar novos elementos e definir caminhos para sua sistematização em diretrizes e outros elementos que subsidiem o processo de diálogo e construção em torno dos temas GTA e MC no contexto quilombola.

---

<sup>8</sup> Das atividades previstas, as oito Oficinas Territoriais envolverão 35 quilombolas das cinco regiões do território nacional durante três dias. Destes, seis serão selecionados para irem ao Encontro Nacional. Sendo assim, uma parte dos quilombolas participarão do projeto somente através de uma oficina.



- Formulação de conclusões – definição de perspectivas e próximos passos para o processo de diálogo e construção em torno dos temas GTA e MC; definição da estrutura e do conteúdo do documento final resultante do processo; elaboração e validação do documento final.

A construção participativa de conteúdo através destas três fases permite a troca de conhecimentos, atendendo assim à expectativa de informação dos quilombolas através de seus representantes, que participam e contribuem de forma ativa ao processo. E assim como este arquétipo orienta o processo como um todo, orienta também o posterior detalhamento de cada atividade, conforme exposto mais a frente no item *Fundamentos metodológicos*.

A tabela na página a seguir mostra como as etapas e atividades previstas no projeto estão distribuídas nestas três fases, permitindo visualizar o caráter crescente do processo. São descritos o conteúdo a ser trabalhado, as pessoas a serem envolvidas e a forma de trabalho a ser adotada em cada etapa/atividade.

Vale destacar que o processo é vivo, alimentado a cada passo e flexível. Por isso cada etapa/atividade é aqui descrita em termos gerais, deixando espaço para seu posterior ajuste e detalhamento com base nos elementos gerados no decorrer do projeto. Para subsidiar tais ajustes, cada momento deve ser bem avaliado pelos envolvidos, este aspecto é especialmente relevante no caso das Oficinas Territoriais, que serão ser gradativamente aprimoradas.



**TABELA 1 – DESENHO GERAL DO PROCESSO**

FASE	ETAPAS / ATIVIDADES		
FORMAÇÃO DE IMAGEM	<b>PACTUAÇÃO DO PROCESSO</b>		
	<p><u>Resultados:</u> pactuado no âmbito do GT GTA a estratégia de execução do projeto e o desenho geral das etapas e atividades e os atores a serem envolvidos; identificados os riscos para execução do projeto e as medidas para minimiza-los; ajustado o cronograma de execução; colhidos elementos para o ajuste do plano logístico; definida a governança do processo.</p>		
	CONTEÚDO (O que?)	INTERAÇÃO (Quem?)	FORMA (Como?)
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linha histórica do projeto, objetivos, resultados esperados e perspectivas após sua conclusão.</li> <li>• Experiências em andamento que tem relação com a GTA e MC no contexto dos quilombolas.</li> <li>• Conteúdo base sobre GTA, MC e processos de consulta a ser usado como ponto de partida no processo</li> <li>• Estratégia de execução – pressupostos do processo; fundamentos metodológicos; desenho global de cada atividade (com maior detalhe para a 1ª Oficina Nacional); cronograma de execução.</li> <li>• Riscos para execução do projeto e as medidas para minimiza-los.</li> <li>• Plano logístico detalhado para a Oficina Nacional e primeiros apontamentos para as Oficinas Territoriais.</li> <li>• Governança do processo.</li> <li>• Equipe de execução do projeto.</li> </ul>	<p>2 quilombolas contratadas para a mobilização; equipe do MMA; membros do GT GTA; ISA e subcontratada</p>	<p>Reunião do GT GTA com os seguintes momentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Diálogo e acordos sobre o processo em termos de objetivos, resultados esperados, produtos e perspectivas após sua conclusão.</li> <li>• Diálogo e apontamentos sobre o conteúdo base sobre GTA, MC e processos de consulta a ser usado como ponto de partida no processo e sobre como sistematiza-lo, assim como os responsáveis por apresenta-lo na 1ª Oficina Nacional.</li> <li>• Identificação de outras iniciativas em andamento ou já realizadas que tem relação com o projeto e definição de caminhos para integração de ações, resultados e aprendizados.</li> <li>• Apresentação da estratégia e do cronograma de execução do projeto e diálogo sobre ajustes necessários.</li> <li>• Diálogo sobre os possíveis riscos para execução do projeto e apontamento de medidas para minimiza-los.</li> <li>• Diálogo e definição de acordos sobre o processo e governança do projeto.</li> <li>• Apresentação da equipe de execução do projeto.</li> <li>• Definição de acordos para próximos passos.</li> </ul>
	<b>PREPARAÇÃO DA OFICINA NACIONAL (Of. Nac.)</b>		
<p><u>Resultados:</u> organizado o conteúdo sobre GTA, MC e processos de consulta a ser usado como ponto de partida no processo; ajustado o desenho global da Of. Nac. e detalhados os procedimentos; produzido e enviado material orientador para os participantes; organizada a logística da Of. Nac.</p>			
CONTEÚDO (O que?)	INTERAÇÃO (Quem?)	FORMA (Como?)	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conteúdo já existente relacionado a GTA, MC e processos de consulta no contexto de quilombolas, povos indígenas e outros povos e comunidades tradicionais: Minuta de GTA (2016), cartilha do MMA (com conceitos e dimensões das diretrizes) normativas, políticas e planos (PNGATI, Brasil Quilombola, PNAP, etc.), instrumentos de GTA, protocolos de consulta, publicações, experiências, etc.</li> <li>• Material para os participantes da 1ª Oficina - conteúdo sobre GTA, MC e processos de consulta a ser usado como ponto de partida no processo; objetivos, programa e logística da oficina; perguntas para estimular a reflexão individual e o diálogo prévio na comunidade de cada participante.</li> <li>• Desenho global e detalhamento da 1ª Oficina Nacional.</li> </ul>	<p>As atividades desta etapa serão realizadas pelo ISA.</p> <p>Pode haver reuniões e consultas junto a pessoas e organizações com conhecimento e experiências nos temas ou que desempenharão algum papel na Oficina.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Levantamento e organização do conteúdo já existente.</li> <li>• Entrevistas e reuniões com quilombolas e outros atores (pesquisadores, profissionais da área, etc.) com conhecimento dos temas (GTA, MC e processos de consulta).</li> <li>• Elaboração do desenho global e detalhamento dos procedimentos metodológicos da Of. Nac.</li> <li>• Elaboração do Plano de mobilização dos participantes quilombolas nas atividades do projeto (com quilombolas contratados via Negra Anastácia).</li> <li>• Organização da logística da oficina.</li> <li>• Elaboração e envio de material para os participantes da 1ª Of. Nac.</li> </ul>	



**1ª OFICINA NACIONAL**

Resultados: conteúdo sobre GTA, MC e processos de consulta analisado e levantados novos elementos; levantados elementos para o ajuste do Desenho global das Oficinas Territoriais e para o detalhamento do programa e metodologia, assim como para o ajuste do cronograma de execução, do plano de mobilização dos participantes e do plano logístico.

FORMAÇÃO DE IMAGEM

CONTEÚDO (O que?)	INTERAÇÃO (Quem?)	FORMA (Como?)
<ul style="list-style-type: none"> <li>Visão geral do projeto e perspectivas após sua conclusão.</li> <li>Conteúdo relacionado a GTA, MC e processos de consulta já existente (levantado e sistematizado na etapa de preparação da oficina) e novos elementos agregados durante a oficina.</li> <li>Dimensões da GTA.</li> <li>Desenho global das Oficinas Territoriais, com apontamentos sobre os procedimentos metodológicos.</li> <li>Perfil dos participantes das Oficinas Territoriais e estratégia de mobilização.</li> <li>Plano logístico das Oficinas Territoriais.</li> </ul>	<p><u>Participantes:</u> Quilombolas (8 representantes regionais + 2 contratadas); equipe do MMA; outros convidados com conhecimento dos temas em questão.</p> <p><u>Mobilização:</u> Associação Negra Anastácia</p> <p><u>Execução:</u> ISA</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Retomada dos objetivos, resultados, produtos e etapas/atividades do projeto, assim como das perspectivas após sua conclusão.</li> <li>Apresentação dos objetivos e caminhos a percorrer na oficina.</li> <li>Apresentação (pelos responsáveis definidos no âmbito do GT GTA durante a etapa de preparação) do conteúdo sobre GTA, MC e processos de consulta já existente.</li> <li>Reflexão e diálogo sobre o conteúdo apresentado, estimulado por perguntas norteadoras, para identificação de ajustes necessários e novos elementos a serem agregados.</li> <li>Reflexão sobre os objetivos, resultados, produtos e riscos das Oficinas Territoriais como espaço de diálogo e construção a partir da realidade concreta.</li> <li>Apresentação do desenho global das Oficinas territoriais e dos primeiros apontamentos sobre os procedimentos metodológicos para identificação de ajustes necessários.</li> <li>Definição do perfil dos participantes das Oficinas Territoriais e da estratégia de mobilização.</li> <li>Apresentação do plano logístico para as Oficinas Territoriais e apontamento de ajustes necessários.</li> <li>Avaliação da Oficina pelos participantes.</li> </ul>

**PREPARAÇÃO DAS OFICINAS TERRITORIAIS**

Resultados: definido o Desenho global, o programa e a metodologia das Oficinas Territoriais; ajustado o Plano de mobilização dos participantes e plano logístico de cada oficina; organizada a logística de cada oficina; organizado e sistematizado o conteúdo produzido até esta etapa sobre GTA, MC e processos de consulta; produzido e compartilhado com os participantes das Oficinas territoriais material orientador para as Oficinas.

CONTEÚDO (O que?)	INTERAÇÃO (Quem?)	FORMA (Como?)
<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenho global e detalhamento das Oficinas Territoriais.</li> <li>Programação de cada Oficina Territorial.</li> <li>Plano de mobilização dos participantes.</li> <li>Plano logístico detalhado de cada Oficina Territorial.</li> <li>Material para os participantes de cada Oficina Territorial - conteúdo sobre GTA, MC e processos de consulta produzido até esta etapa; objetivos, programa e logística da oficina; perguntas para estimular a reflexão individual e o diálogo prévio nas comunidades.</li> </ul>	<p>As atividades desta etapa serão realizadas pelo ISA, com exceção da Reunião do GT GTA, onde o ISA vai aportar conteúdos para a reflexão e tomada de decisão sobre as Oficinas Territoriais</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Organização e sistematização do conteúdo gerado até esta etapa.</li> <li>Elaboração do desenho global das Oficinas Territoriais, com apontamentos sobre os procedimentos metodológicos.</li> <li>Reunião do GT GTA para: 1. Apresentação e validação do conteúdo sistematizado; 2. Apresentação do desenho das Oficinas Territoriais e apontamento de ajustes necessários; 3. Apresentação do Plano logístico detalhado de cada Oficina Territorial e ajustes; 4. Definição de atribuições de cada ator durante as Oficinas. 5. Revisão do Plano de mobilização dos participantes. 6. Repactuação de acordos</li> <li>Elaboração e envio de material para os participantes de cada Oficina territorial.</li> <li>Detalhamento dos procedimentos da Oficina Territorial.</li> <li>Organização da logística de cada Oficina territorial.</li> </ul>



**8 OFICINAS TERRITORIAIS**

**Resultados:** levantados a partir das realidades de cada território, região e bioma elementos que norteiem a continuidade do processo de diálogo e construção em torno dos temas de GTA, MC e processos de consulta; quilombolas a nível regional/local informados e mobilizados para o processo de diálogo em torno dos temas GTA e MC; apontados os ajustes necessários nos próximos passos do projeto; definidos os quilombolas regionais/locais para participarem no Encontro Nacional.

CONTEÚDO (O que?)

INTERAÇÃO  
(Quem?)

FORMA (Como?)

- O Projeto – objetivos; etapas e atividades; resultados e produtos; possíveis desdobramentos após sua conclusão.
- Conteúdos relacionados a GTA, MC e processos de consulta.
- Devolutiva dos resultados para os participantes de cada Oficina e suas comunidades.
- Apontamentos sobre próximos passos do processo

Participantes:  
Representantes quilombolas de vinte e quatro Estados e Distrito Federal; governos estaduais e federal; outros convidados

Mobilização:  
Associação Negra Anastácia

Execução:  
ISA

- Apresentação dos participantes e seus territórios de origem.
- Apresentação dos objetivos, resultados, etapas/atividades e produtos do projeto e possíveis desdobramentos.
- Apresentação dos objetivos e caminho a percorrer na Oficina.
- Reflexão sobre a GTA, MC e processos de consulta nos territórios quilombolas, a partir dos seguintes momentos:
  - Breve caracterização de cada território e levantamento das especificidades por região/bioma.
  - Diálogo estimulado pela apresentação do conteúdo previamente sistematizado e por perguntas geradoras.
- Vivências de instrumentos e práticas de gestão territorial.
- Noites culturais para troca de experiências e saberes.
- Diálogo sobre os próximos passos do projeto; a devolutiva do produto final para os quilombolas e suas comunidades e as perspectivas futuras do processo de diálogo e construção em torno dos temas GAT e MC.
- Definição dos 6 participantes no Encontro Nacional.
- Avaliação de cada Oficina pelos participantes.

FORMAÇÃO DE IMAGEM

**PREPARAÇÃO DO ENCONTRO NACIONAL**

**Resultados:** definido o Desenho global, o programa e a metodologia e a logística do Encontro Nacional; elaborada a minuta do documento final; material orientador para o Encontro Nacional produzido e compartilhado com os participantes.

CONTEÚDO (O que?)

INTERAÇÃO  
(Quem?)

FORMA (Como?)

- Desenho global, programação e detalhamento dos procedimentos metodológicos do Encontro Nacional.
- Plano de mobilização dos participantes.
- Plano logístico detalhado do Encontro Nacional.
- Material para os participantes do Encontro Nacional – Minuta do documento final e perguntas/focos para orientar a reflexão e análise prévia na comunidade e/ou organização de cada participante; objetivos, programação e logística da oficina.

As atividades desta etapa serão executadas pelo ISA, com exceção da Reunião do GT GTA, onde o ISA vai aportar conteúdos para a reflexão e tomada de decisão sobre o Encontro Nacional.

- Organização e sistematização do conteúdo gerado até esta etapa e elaboração de primeira versão da Minuta do documento final.
- Elaboração do desenho global do Encontro Nacional, com apontamentos sobre os procedimentos metodológicos.
- Reunião do GT GTA para: 1. Apresentação e diálogo sobre a Minuta do documento final, com apontamento de ajustes necessários e de possíveis focos de reflexão e análise prévia pelos participantes do Encontro Nacional; 2. Apresentação do desenho do Encontro Nacional e apontamento de ajustes necessários; 3. Apresentação do Plano logístico detalhado do Encontro Nacional e ajustes; 4. Definição de atribuições de cada ator durante o Encontro. 5. Revisão do Plano de mobilização dos participantes e ajustes. 6. Repactuação de acordos.
- Revisão e ajustes na Minuta do documento final.
- Ajustes no desenho e na logística do Encontro Nacional e elaboração da programação.
- Envio de material para os participantes do Encontro Nacional.
- Detalhamento dos procedimentos do Encontro Nacional.
- Organização da logística do Encontro Nacional.

ANÁLISE E CONCLUSÃO



ENCONTRO NACIONAL			
<u>Resultados</u> : analisado o conteúdo relacionado a GAT, MC e processo de consulta e aportados novos elementos; apontados os ajustes necessários na estrutura e conteúdo do documento final e acordados os próximos passos para sua finalização e devolutiva; definidos os próximos passos do processo de diálogo e construção em torno dos temas GAT e MC.			
ANÁLISE E CONCLUSÃO	CONTEÚDO (O que?)	INTERAÇÃO (Quem?)	FORMA (Como?)
	<ul style="list-style-type: none"><li>O processo projeto – objetivos; etapas e atividades realizadas; resultados e produtos.</li><li>Minuta do documento final.</li><li>Próximos passos do diálogo e construção em torno dos temas GAT e MC; condições favoráveis ou não.</li><li>Estratégia de devolutiva dos resultados para os envolvidos.</li></ul>	<p><u>Participantes</u>: Representantes do MMA; GT GTA; quilombolas; outros convidados com conhecimento dos temas em questão.</p> <p><u>Mobilização</u>: Associação Negra Anastácia</p> <p><u>Execução</u>: ISA</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>Retomada dos objetivos, resultados, produtos e etapas/atividades do projeto, assim como das perspectivas após sua conclusão.</li><li>Apresentação da Minuta do documento final.</li><li>Análise do conteúdo da Minuta a partir de diálogos e reflexões em plenária e em grupos menores, com apontamento de ajustes e acréscimos necessários.</li><li>Diálogo sobre as estruturas de gestão pública responsáveis pelas políticas para quilombos, e definição de estratégias para avançar no diálogo e construção em torno da GTA e MC.</li><li>Definição dos próximos passos e dos acordos para conclusão do projeto e da Minuta do documento final (incluindo seu foco, estrutura, conteúdo, utilização, etc.).</li><li>Avaliação do Encontro pelos participantes.</li></ul>
CONCLUSÃO DO DOCUMENTO FINAL			
<u>Resultado</u> : elaborada e validada a versão final do documento contendo o resultado de todo o processo.			
CONCLUSÃO	CONTEÚDO (O que?)	INTERAÇÃO (Quem?)	FORMA (Como?)
	<ul style="list-style-type: none"><li>Documento final contendo o resultado de todo o processo.</li></ul>	ISA e GT GTA.	<ul style="list-style-type: none"><li>Elaboração do documento final.</li><li>Reunião do GT GTA para apresentação e validação do documento final e definição da estratégia de continuidade do processo de diálogo e construção em torno da GTA e MC.</li></ul>



## PROJETO PEDAGÓGICO

Como exposto anteriormente, pelo caráter vivo e flexível do processo, as atividades são detalhadas gradativamente, conforme a visão do todo vai sendo consolidada e as prioridades e possíveis desdobramentos do projeto vão sendo revelados, de forma a orientar a tomada de decisões e ser uma fonte de criatividade e inspiração para os facilitadores.

Outro aspecto importante para o detalhamento do programa e procedimentos é o conhecimento do grupo, com seus membros e suas necessidades e capacidades, e do local de realização da atividade, questões ainda a serem aprofundadas.

Para que o processo garanta as condições para esta construção gradativa e coletiva, seu planejamento se dá em três fases, iniciando com o desenho global já apresentado acima (item *Visão geral do processo*), que traz a visão geral de cada atividade em termos de resultados esperados, pessoas a serem envolvidas, conteúdo a ser trabalhado e de que forma.

Em seguida define-se o programa, onde é possível visualizar como cada atividade se desenrola no tempo através da programação. Por fim, chega-se a etapa de detalhamento da atividade, que é a elaboração dos procedimentos.

Partindo deste entendimento, o programa e os procedimentos das atividades não serão detalhados neste momento, mas sim os princípios e fundamentos metodológicos a serem considerados, assim como as formas pedagógicas a serem utilizadas. Em termos de conteúdos a serem trabalhados, além do que está descrito na Tabela 1, os temas relacionados à GTA a serem abordados serão aqui brevemente descritos.

## Fundamentos metodológicos

A construção do conteúdo relacionado a GTA, MC e processos de consulta se dará no coletivo, a partir do esforço e contribuição de cada indivíduo, com vistas também para a sua aprendizagem (no sentido de informar, formar e empoderar os quilombolas individual e coletivamente para a continuidade do processo).

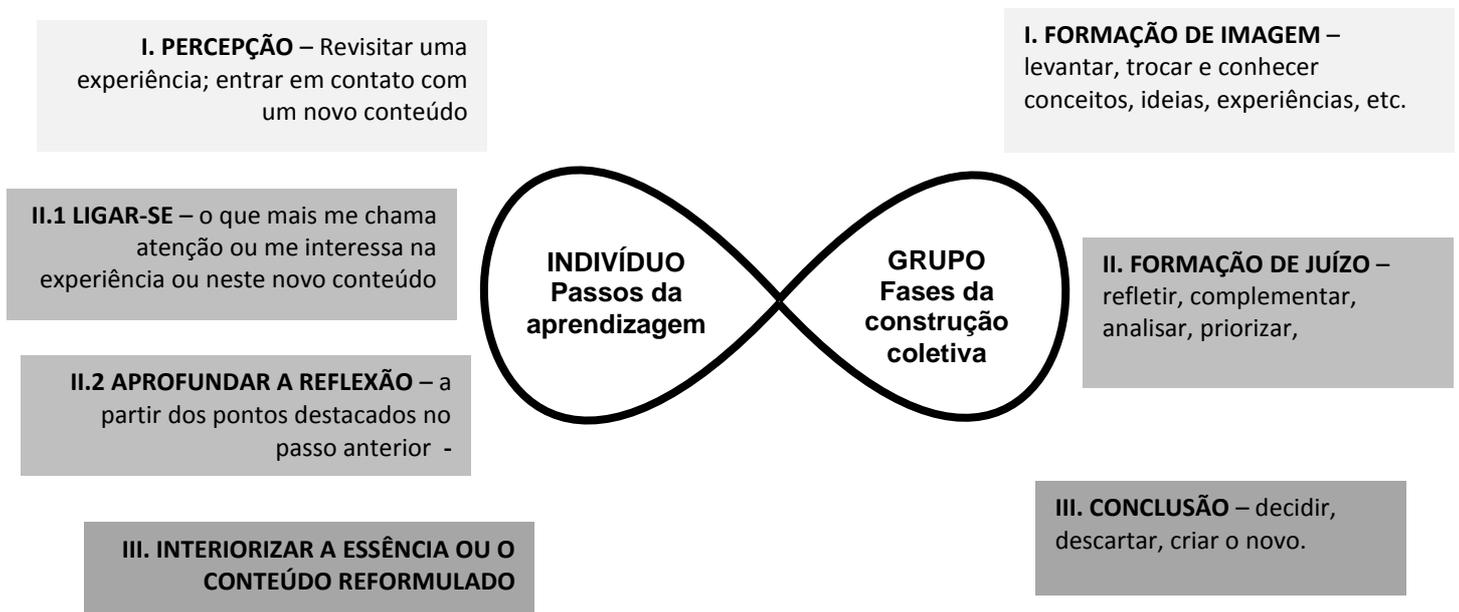
Entende-se que um processo que combina a construção participativa com a informação e formação dos atores envolvidos deve lidar com a polaridade entre o grupo e o indivíduo, no sentido garantir que cada indivíduo se ligue ao processo a partir de suas capacidades e necessidades<sup>9</sup>, as quais são ofertadas e atendidas na interação com o grupo.

A aprendizagem do adulto se dá pela reflexão a partir da prática partir de um caminho que dê condições para que o indivíduo analise sua experiência, conheça novas referências, formule conclusões e novos conceitos e os transforme em novas habilidades (conceituais, técnicas e sociais) para uma nova atuação no mundo (aqui entendido como seu âmbito de ação).

---

<sup>9</sup> Por capacidades e necessidades tem-se conhecimentos, experiências concretas, ideias a serem colocadas em prática, jeitos de fazer algo na prática, perguntas e dúvidas, dentre outros aspectos.

**FIGURA 2 – Passos da aprendizagem individual em relação às fases da construção coletiva de conteúdo**



Os passos deste caminho individual e sua interação com o processo do grupo são descritos na Figura 2. Estes passos e fases podem ser usados para pensar o processo como um todo (do início ao fim do projeto), como para o desenho e detalhamento de cada Oficina e do Encontro Nacional.

Com este referencial, pode-se dizer que cada atividade prevista no projeto seguirá um fluxo semelhante, a saber:

- 1. Apresentação dos participantes; situar o processo ao logo do tempo e suas perspectivas; pactuação dos objetivos e caminhos a percorrer durante a atividade.**

Os objetivos, resultados esperados e caminho a ser percorrido serão apresentados aos participantes, enfatizando que por se tratar de processos coletivos e participativos, o grupo é que dará o tom, e, portanto, o programa e as metodologias a serem adotadas são passíveis de ajustes.

Vale destacar que é através do sólido entendimento pelos facilitadores dos objetivos e resultados esperados que estes podem ajustar o caminho sem se perder no processo.

- 2. Formação de imagem / Percepção**

Nesta etapa o grupo e seus indivíduos tem a oportunidade de entrar em contato com conteúdos diversos, sejam eles trazidos pelos membros do próprio grupo ou por atores externos.



Estes conteúdos podem fazer parte do âmbito das ideias, conceitos e teorias (nível do pensar); do âmbito das atividades práticas, das técnicas para se fazer algo (nível do fazer) ou do âmbito das relações e interações entre as pessoas (nível do sentir).

É o momento de levantar e compartilhar visões e entendimentos, ampliar referenciais, conhecer novas técnicas, se perceber no social, perceber o outro e o coletivo. Tudo pode ser colocado, pois ainda não se tem julgamento. E a cada indivíduo cabe perceber o que está surgindo e trazer novos elementos.

Esta etapa pode acontecer de forma mais vertical através de palestras e apresentações, ou de forma mais horizontal através de metodologias que favorecem a interação entre os participantes e o estabelecimento de diálogo (a exemplo de rodas de conversa; *World café*; trabalhos em grupo; trocas de experiências *in locu* ou não; uso de ferramentas de diagnóstico rápido participativo; etc.). E ainda, pode se dar através do levantamento de dados primários e secundários, com entrevistas e conversas conduzidas pelos próprios quilombolas ou não.

Em se tratando de um processo participativo, que tem como pressuposto o protagonismo dos quilombolas e seu empoderamento, as formas mais horizontais de se trabalhar a formação de imagem serão priorizadas. E também, considerando a necessidade de integrar as visões e conhecimentos locais/regionais, é importante que esta etapa possibilite a caracterização da realidade de cada território.

Durante as oficinas, esta etapa pode ser realizada com ou sem a presença de um facilitador, sabendo que a contribuição de um facilitador sempre traz mais foco e qualidade ao conteúdo trabalhado. E o registro acurado dos elementos que surgirem, que vão alimentar a fase seguinte, é de extrema importância nesta fase.

### **3. Formação de juízo / Ligar-se ao conteúdo e aprofundar a reflexão**

Nesta etapa o indivíduo busca identificar, dentro de tudo que foi levantado na fase anterior, aquilo que mais lhe chama atenção ou lhe interessa e porque.

Além deste foco para a reflexão, novas perguntas podem conduzir o indivíduo e o grupo na reflexão.

Estas perguntas são elaboradas pelos facilitadores a partir do conteúdo que se tem para analisar e dos resultados que se espera para a etapa de formação de juízo, que pode ser priorizar elementos, gerar novos conteúdos, organizar o conteúdo em temas, entre outros. São utilizadas também técnicas para a de estruturação e visualização do conteúdo, a exemplo do uso de tarjetas e da facilitação gráfica.

Devido à necessidade de se aprofundar a reflexão e ao predomínio da oralidade como elemento constituinte da identidade quilombola, nesta etapa é importante ter uma facilitação dos trabalhos, que podem mesclar momentos de reflexão e análise individual com momentos em grupo através de exercícios práticos ou do diálogo.

#### 4. Conclusão / Interiorizar a essência e reformular o conteúdo

Para o indivíduo, este momento é de captar a essência do conteúdo e reformula-lo em um conceito ou prática que atenda a uma necessidade e/ou que fortaleça uma capacidade sua.

No âmbito do grupo, o conteúdo pode ser reforçado ou então transformado em um novo conceito, ideia ou prática, ou ainda, é reorganizado a partir de uma nova lógica resultante do processo de análise.

#### 5. Avaliação participativa

A avaliação participativa diária e ao final de cada atividade é crucial para seu ajuste, para o aprimoramento das capacidades dos facilitadores e para medir o grau de alcance dos objetivos e resultados.

Nestas fases ou passos, a pergunta é o principal instrumento, que vai possibilitar que cada indivíduo e o grupo sejam instigados no caminho da pesquisa, reflexão e diálogo. Na formação de imagem as perguntas são mais amplas e abertas, e conforme se avança vão ficando mais específicas e aprofundadas.

Estimulado pelas perguntas, o diálogo é o cerne do processo, de onde fluem os saberes e as ideias e seus significados por todo o grupo e surgem novas compreensões. E para acontecer, o grupo e cada indivíduo é estimulado a se perceber e exercitar as seguintes habilidades:

- *Escutar* – Com atenção e sem resistência a cada voz e a cada relato.
- *Não julgar* – Respeitar pontos de vista e opiniões diferentes.
- *Rever e explicitar pressuposições* – Estar aberto para pontos de vista que não fazem parte de sua visão de mundo. Estar atento aos próprios pressupostos.
- *Investigar* – Ligar ideias e examinar o todo que engloba as partes.
- *Refletir* – Sobre significados compartilhados e o processo como um todo.

A sistematização do conteúdo gerado ao longo do processo será feita pelo ISA em diálogo com o GT GTA, seguindo uma metodologia que garanta que permita se captar a essência do conteúdo e organiza-lo em uma estrutura e em pontos prioritários que faça sentido a todos envolvidos e em especial aos quilombolas.

### Conteúdo pedagógico

O conteúdo, inicialmente, é subsidiado pela Minuta Preliminar, por temas que cercam a gestão territorial e ambiental (geral e específico às populações tradicionais), marcos legais internacionais e nacionais, o conhecimento e prática dos quilombolas sobre seus territórios.

Em relação a Minuta Preliminar, será elaborada uma versão didática que permita informar, formar e empoderar os quilombolas individual e coletivamente para a continuidade do processo. Com esta revisão, teremos também sugestões para inclusão ou detalhamento de temas que comporão o plano pedagógico a ser aplicado nas oficinas.



<b>GRANDES TEMAS</b>	<b>SUB-TEMAS</b>
<b>1. TITULAÇÃO DOS TERRITÓRIOS/REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA</b>	Auto identificação; processo de regularização fundiária, órgãos competentes, direitos constitucionais, entraves e ameaças à regularização dos territórios.
<b>2. CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E USO SUSTENTAVEL DOS RECURSOS</b>	Modos de vida; manejo de recursos naturais; práticas tradicionais; legislação ambiental incidente (ampliar informações a normas e leis que regem seus espaços territoriais); papel dos territórios na conservação da biodiversidade; patrimônio genético; racismo ambiental; restauração.
<b>3. VALORES ANCESTRAIS, CULTURA E PRÁTICAS TRADICIONAIS</b>	Apropriação e fortalecimento da identidade quilombola Fortalecimento de práticas culturais e processo de transmissão de conhecimento (festas/celebrações, cultura material, formas de expressão (danças, músicas, literatura) Registro, fomento e difusão cultural
<b>4. EDUCAÇÃO</b>	Estrutura e infraestrutura física Formação de professores Educação diferenciada Produção e publicação de material pedagógico com conteúdos diferenciados Merenda escolar Recursos Humanos
<b>5. FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL E COMUNITÁRIO</b>	Governança territorial Papel das associações e organizações coletivas; fortalecimento da organização social; acordos e combinados internos aos territórios; instrumentos de gestão para as associações (protocolos de consulta, regimento interno, planejamento territorial); formação de novas lideranças; juventude e território; identidade quilombola; valorização interna
<b>6. DESENVOLVIMENTO LOCAL /SEGURANÇA ALIMENTAR</b>	Sistema agrícolas tradicionais, agrobiodiversidade, sistemas agroflorestais Atividades econômicas sustentáveis (cadeias produtivas: extrativismo, caça e pesca, meliponicultura - apicultura, sementes, criação de animais, criação de peixes, manejo de animais silvestres, artesanatos, cosméticos, turismo (cultural, ecológico,



	fluvial, étnico, gastronômico etc)
	Comercialização – acesso a mercado e políticas públicas e programas existentes; entraves à comercialização dos produtos tradicionais.
<b>7. INTEGRIDADE TERRITORIAL</b>	Conflitos territoriais e sobreposições
	Fiscalização e proteção territorial
	Contaminação (esgoto, rios, agrotóxicos)
	Exploração inadequada de recursos naturais
	Empreendimentos: agronegócio, hidrelétricas, estradas, outros
<b>8. SAÚDE</b>	Práticas tradicionais de cuidado (remédios, rezadores, benzedeiros, parteiras)
	Atendimento médico nas comunidades
	Infraestrutura física de postos de saúde
	Formação de profissionais
	Água e lixo
	Nutrição (dieta alimentar)
	Tabagismo
	Álcool
	DSTs
	Gravidez precoce
	Idosos
	Formação de profissionais
<b>9. CONSULTA LIVRE, PRÉVIA E INFORMADA</b>	OIT 169
	Mecanismos existentes
	Protocolos de consulta comunitários
<b>10. A GESTÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL</b>	Conceitos e práticas; significados locais; instrumentos existentes de gestão territorial e ambiental (etnozoamento, etnomapeamento, plano de uso, CAR, plano de manejo, cartografia social, ZEE, planejamento territorial, outros) – o que são, para que servem, exemplos aplicados.
<b>11. MUDANÇAS CLIMÁTICAS</b>	Impactos percebidos nos territórios; adaptação, vulnerabilidade; mitigação, resiliência, Conaredd, etc.



## **PLANO LOGÍSTICO DA 1ª OFICINA NACIONAL**

A 1ª Oficina Nacional será realizada no final de janeiro, conforme cronograma, em Brasília, e contará com a equipe técnica do projeto, oito representantes das comunidades que sediarão as Oficinas Territoriais, dois representantes nacionais da Associação Negra Anastácia, equipe do Ministério do Meio Ambiente e representantes da CONAQ, preferencialmente sediados em Brasília.

O local para sua realização será espaço que permita conciliar as atividades e alojamento, facilitando a logística e otimizando o tempo disponível, de dois dias. Os oito representantes regionais serão indicados pela CONAQ.

O projeto pedagógico e programático encontra-se na Tabela 1 – Etapas e atividades do processo.

## **Mobilização para o Encontro Nacional**

Após a indicação das oito representações que deverão participar dessa oficina, a equipe técnica fará contato com estas pessoas para conversar, explicar o objetivo de todo processo, discutir o papel destas pessoas durante a execução do projeto. Fundamental sensibilizar e mobilizar estes representantes para que tenham protagonismo durante as atividades e perante suas regiões que representarão.

O Processo de Sensibilização das lideranças deverá partir da demanda real das comunidades que representam, passo este que já foi iniciado com as oficinas de construção do documento base articulado pelo GT Interministerial. Porém será necessário sensibilizar os participantes definidos para as oficinas, para que multipliquem as discussões.

Nesse sentido, despertar sonhos e ideais nestas lideranças traz a perspectiva de planos de futuro, fundamentais para discutir gestão territorial e ambiental. Os sonhos são pontapé inicial para traçar um plano. Despertar essa motivação tanto nas lideranças como nos participantes em geral será uma tarefa da metodologia das oficinas. A ideia é compartilhar materiais inspiradores, propostas de conteúdos e experiências com estas oito lideranças para qualificar os debates tanto na oficina nacional quanto nas territoriais.

Também contaremos com o apoio das duas representações nacionais contratadas pelo MMA para fazer estas pontes com as oito lideranças, inclusive em questões logísticas para a participação.

## **CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO**

Segue abaixo, o cronograma proposto, a ser consolidado durante a Reunião de Pactuação. Em razão das oficinas territoriais ocorrerem em áreas de quilombos, haverá a necessidade de checar, se as propostas de datas, não irão coincidir com outras atividades, festejos, etc. que por ventura ocorram nos locais previamente definidos.



O prazo para a execução das atividades é curto e, portanto, demanda um planejamento detalhado e acordos previamente estabelecidos com as representações quilombolas que irão apoiar as oficinas, em suas comunidades. Inclusive, em virtude deste curto tempo, haverá a necessidade de realizar oficinas simultaneamente, garantindo o cumprimento do prazo estabelecido pelo contrato.

<b>Semana de referência</b>	<b>Atividades</b>
11 de dezembro	Entrega do Produto 1
12 de dezembro	Reunião de Pactuação
23 de janeiro	1ª Reunião Nacional
5 de fevereiro	Entrega do Produto 2
26 de fevereiro	Preparação da equipe de facilitadores
5 de março	Oficina 1
12 de março	Ajustes nos procedimentos
19 de março	Oficina 2
	Oficina 3
26 de março	Oficina 4
2 de abril	Oficina 5
9 de abril	Oficina 6
23 de abril	Oficina 7
	Oficina 8
30 de abril	Entrega do Produto 4
14 de maio	2º Encontro Nacional
Até 30 de maio	Entrega do Produto 5: Relatório do Encontro Nacional e Documento Final